

## Passagens e trocas clandestinas: os escritos de Ramos, Arenas e Genet

Prof. Dr. Daniel Felix de Campos<sup>1</sup>

*Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita é inseparável do devir. [...]. Toda obra comporta uma pluralidade de trajetos que são legíveis e coexistentes apenas num mapa, e ela muda de sentido segundo aqueles que são retidos. Esses trajetos interiorizados são inseparáveis de devires. Trajetos e devires, a arte os torna presentes uns nos outros; ela torna sensível sua presença mútua e se define assim, invocando Dionísio como o deus dos lugares de passagem e das coisas de esquecimento. (DELEUZE, 1997, p. 11 e 79).*

*O criminoso é um homem como outro qualquer. No primeiro momento, sob o pavor dos grandes muros de pedra, com um guarda que nos mostra os indivíduos como se mostrasse as feras de um domador, a impressão é esmagadora. Vê-se o crime, a ação tremenda ou infame; não se vê o homem sem o movimento anormal, que o põe a margem da vida. Quando a gente se habitua a vê-los e a falar-lhes todos os dias, o terror desaparece. Há sempre dois homens em cada detento – o que cometeu o crime e o atual, o preso. (RIO, 1999, p. 345).*

*O preso é, antes de qualquer coisa, um homem... (DOSTOIEVSKI, 1997, p. 78).*

*Renda-se como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece. Como eu mergulhei. Não se preocupe em entender: Viver ultrapassa qualquer entendimento. (LISPECTOR, 1998, p. 78).*

---

<sup>1</sup> Doutor em teoria literária pela Universidade Federal de Santa Catarina e pela Université Paris X. Durante a tese, estudei diversas narrativas literárias contemporâneas produzidas no confinamento, mais notadamente as de Graciliano Ramos, nos anos 30, Genet, entre os anos 30 e 40, e Arenas, em Cuba, nos anos 70.

## Resumo

*O artigo que proponho se concentra nas narrativas prisionais de Graciliano Ramos, Reinaldo Arenas e Jean Genet. Para a leitura proposta, detenho-me no aparato-aparelho carcerário, com atenção às engrenagens que movem a máquina carcerária no exercício do controle e da vigilância (penso no poder do Panóptico), contudo, contemplo, notadamente, o poder paralelo que realiza as passagens e as trocas clandestinas. No entrecruzamento desses dois poderes procuro, particularmente, apreender algumas estratégias “beligerantes”, ou os estratagemas que se traduzem em linhas de fuga, camuflagens, processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização comandados pelo desejo da construção clandestina de passagens/trocas desejantes por parte dos corpos aprisionados. Brevíssima cartografia das passagens. Passagens, desejos, corpos, cavidades, trocas, narrativas e testemunhos são desvelados.*

**Palavras-chave:** *Narrativas e testemunhos. Máquinas e engrenagens. Aparato-aparelho. Corpos. Passagens, desejo e cartografias.*

## Passages and exchanges (illegaties): Graciliano Ramos, Reinaldo Arenas and Jean Genet’s writings

### Abstract

*This article concentrates in Graciliano Ramos, Reinaldo Arenas and Jean Genet’s prison writings. It focuses on the author’s jail setting/apparatus with special attention to the gears that move the penal institution machine to control and monitor – the panopticon power. However, the text concentrates notably in the parallel power that makes the passages and the clandestine exchanges. It seeks to apprehend some belligerent strategies or the stratagemas that transcribe into jailbreak routes, camouflage, territoriali-*

*zation, disterritorialization and reterritorialization in the intertwining of these two powers, namely the panopticon and the parallel power. Such strategies or stratagems are commanded by the imprisoned bodies' desire for clandestine construction of passages/desiring exchanges. The text also seeks to apprehend the territories, the meetings and, more specifically, the desiring passages provoked and carried out by the imprisoned bodies. This interface is demonstrated by a quite brief cartography of these passages. Passages, desires, bodies, cavities and testimonies are unveiled.*

**Keywords:** *testimonies, machines, gears, apparatuses, passages, bodies, exchanges, desire and cartography.*

Este artigo propõe uma breve leitura a respeito do espaço carcerário. Particularmente, convoca-se, aqui, a pensar o Panóptico, as passagens e trocas clandestinas produzidas no confinamento. Para a compreensão do Panóptico, a argumentação se tece nas veredas e bermas do pensamento de Michel Foucault, e quanto às trocas clandestinas, recorre-se às narrativas literárias que tratam das experiências produzidas no confinamento a fim de melhor compreendê-las. O convite à leitura do artigo se apresenta em seis blocos.

## BLOCO UM

### Da presença do panóptico

Para melhor abordar essa solução arquitetônica, e de modo mais coerente, parte-se da análise de Foucault.<sup>2</sup>

*A inspeção funciona constantemente. O olhar está em toda a parte. [...] dá o efeito mais importante do panóptico: induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos. [...] o prisioneiro seja observado sem cessar por um vigia [...] o essencial é*

---

<sup>2</sup> FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. Tradução Julio Guimarães. Petrópolis. Vozes, 1986. p. 173 a 183.

*que ele se saiba vigiado [...] o Panóptico é uma máquina de dissociar o par ver-ser visto: no anel periférico se é totalmente visto, sem nunca ver, na torre central, vê-se tudo, sem nunca ser visto. [...] O Panóptico não deve ser compreendido como um edifício onírico: é o diagrama de um mecanismo de poder levado à sua forma ideal: seu funcionamento, abstraindo-se de qualquer obstáculo, residência ou desgaste, pode ser bem representado como um puro sistema arquitetural e óptico: é na realidade uma figura de tecnologia política que se pode e se deve destacar de qualquer uso específico.*

Panóptico – tudo vê, vigia e controla. Sabe-se que essa torre sempre constituiu a estrutura interna do sistema carcerário capaz de garantir a vigília dos homens confinados. Foucault, em *Vigiar e Punir*, revela o quanto essa estrutura (como arquitetura) construída no centro desempenhou por séculos a função de controle e de vigília a serviço do aparelho/aparato carcerário (convém aqui lembrar que o panóptico é um modelo arquitetônico pertencente à sociedade disciplinar e que foi adaptado para a atual, a de controle<sup>3</sup>). Logo, essa solução arquitetônica reproduzida durante alguns séculos é hoje substituída por uma parafernália tecnológica em que se destacam, por exemplo, as guaritas equipadas com diversos aparatos-aparelhos de segurança de alta (ou altíssima) tecnologias, e também por um complexo sistema audiovisual de câmeras, não obstante, essas câmeras, esses mil panópticos transfigurados, metamorfoseados se alastrem e funcionem também fora das prisões, disseminados em múltiplos estabelecimentos particulares e públicos. Em suma, toda a sociedade está sendo vigiada, e a prisão já se estende para muito além dos muros.

Ainda acerca do Panóptico, escreve e esclarece Jacques-Alain Miller<sup>4</sup> (apud SILVA, 2000, p.77):

3 *Em relação à passagem da sociedade disciplinar para a de controle, depois de Foucault, Burroughs, Guattari e Deleuze, não posso deixar de destacar que essa passagem se realizou (sobretudo) por meio da dissolução dos muros ou dos limites que definem as instituições, há o fim do fora, segundo comenta Michael Hardt (apud ALLIEZ, 2000, p. 357, 362 e 369): as instituições que constituíam a sociedade disciplinar – família, escola, hospital, fábrica, prisão etc. – estão todas elas e em todos os lugares, em crise. Os muros das instituições estão desmoronando de tal maneira que suas lógicas disciplinares não se tornaram ineficazes, mas se encontram, antes, generalizadas como formas fluidas através de todo o campo social. O “espaço estriado” das instituições da sociedade disciplinar dá lugar ao “espaço liso” da sociedade de controle. Ou, para retomar a bela imagem de Deleuze, os túneis estruturais da toupeira estão sendo substituídos pelas ondulações infinitas da serpente (...) o fim do fora, que caracteriza a passagem da sociedade disciplinar à de controle, (...) os muros das instituições desabam; de modo que se torna impossível distinguir fora e dentro (...). HARDT, Michael. In: a sociedade mundial de controle. ALLIEZ, Éric. (Org.). Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000. p 357, 362 e 369.*

4 SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *O Panóptico: Jeremy Bentham*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 77.

É preciso, para começar, descrever o essencial do dispositivo. O dispositivo é um edifício. O edifício é circular. Sobre a circunferência, em cada andar, as celas, no centro, a torre, e entre o centro e a circunferência, uma zona intermediária. [...]. Cada cela volta para o exterior uma janela feita de modo a deixar penetrar o ar e luz, ao mesmo tempo em que impedindo ver o exterior - e para o interior, uma porta, inteiramente gradeada, de tal modo que o ar e luz cheguem até o centro. [...] o cinturão de um muro cerca o edifício. E entre os dois, um caminho de guarda. Para entrar e sair do edifício, para atravessar o muro do cerco, só uma via é disponível. O edifício é fechado. [...] a máquina universal [...] o panóptico não é uma prisão. É um princípio geral de construção, o dispositivo polivalente da vigilância, a máquina óptica universal das concentrações humanas. [...]. É bem assim que Bentham o entende: com apenas algumas adaptações de detalhe, a configuração panóptica servirá tanto para prisões quanto para escolas, usinas, asilos, hospitais e *workhouses*. Ela não tem uma destinação única: é a casa dos habitantes involuntários, reticentes ou constrangidos. [...] Esta configuração instaura então uma dessimetria brutal da visibilidade. O espaço fechado é sem profundidade, planificado, oferecido a um olho único, solitário, central. Está ele banhado de luz, nada, ninguém, ali se dissimula, senão o próprio olhar, onividente invisível. A vigilância confisca o olhar à sua fruição, apropria-se do poder de ver e a ele submete o recluso. [...].

Logo, diante da ampla vigilância nas estratégias e nas conexões do maquinário do vigiar e punir cabe aos detentos ensaiarem tentativas ilícitas de fuga, pois deseja-se escapar ou se esconder do olho do Panóptico. Essas tentativas concentram-se nas passagens clandestinas e convergem para as mais diversas trocas disseminadas por atividades secretas, compostas por agenciamentos e processos de desterritorialização de territórios.<sup>5</sup> Essas ati-

---

5 Vale aqui inserir as noções de territorialidade, desterritorialidade e ainda a de reterritorialidade, a fim de melhor compreender as passagens. Conforme aborda Guattari, *Territorialidade – o território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”*. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (...); Desterritorialidade – o território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair de seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios “originais” se desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho, (...) com os sistemas maquinicos que levam a atravessar, cada vez mais rapidamente, as estratificações matérias e mentais, (...); Reterritorialidade – a reterritorialização consistirá numa tentativa de recomposição de um território engajado num processo de desterritorialidade. O capitalismo é um bom exemplo de sistema permanente de reterritorialização: as classes capitalistas estão constantemente tentando “recapturar” os processos de desterritorialização na ordem da produção e das relações sociais. (...). GUATTARI, Felix; Rolnik, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 338.

vidades buscam fazer fendas, fissuras e cavidades, enfim, há um “exército” de homens dentro dos cárceres que cavam e realizam passagens secretas, e ainda gerenciadas por comandos (dentro e fora das prisões) do poder paralelo. Os bandos, os comandos e as passagens fazem mover e funcionar a máquina de guerra. A realização das passagens e o funcionamento da máquina de guerra são agenciamentos que enfraquecem e destroem o poder “absoluto” do Panóptico. Logo, é preciso realizar passagens, camuflagens, cavidades, simulações e fugas, a fim de provocar a construção de saídas múltiplas.

## BLOCO DOIS

### **Das passagens clandestinas**

Detenho-me agora nas passagens clandestinas, essas que provocam dentro do complexo carcerário, sob as mais diversas formas, contatos, comunicações, trocas, encontros, saídas, fugas, acessos, enfim, as mais diversas maneiras de contato entre os detentos (e ainda entre o dentro e o fora das prisões). Então, trata-se de fendas, desvios, passagens e acessos que aproximam o dentro e o fora da prisão, entre territórios e regiões reterritorializadas e desterritorializadas.

Entende-se que as passagens e trocas realizadas dentro das prisões que aqui são desveladas representam apenas uma pequena amostra daquelas que são realizadas dentro das prisões. Nos interiores das prisões, sabe-se que existe apenas um caminho, um trajeto lícito de entrada e saída (tal como o Labirinto de Creta), entretanto, os detentos projetam e constroem passagens que permitem outros acessos, encontros, contatos, saídas e entradas. Todo esse conjunto constitui uma miríade de trajetos e de estratégias da máquina de guerra construídos pelo poder clandestino e/ou paralelo. Tais trajetos são compostos por desvios, linhas de fuga e rupturas que por sua vez compõem consequentemente uma série de maquinarias e engrenagens clandestinas, ou passagens que compõem micromáquinas de guerra de uma máquina maior, aquela que ameaça por vezes explodir o aparato-aparelho carcerário.

Assim sendo, a partir das narrativas literárias cotejadas acerca das passagens, apresenta-se o seguinte (brevíssimo) mapeamento: a passagem entre as janelas (por vezes por meio das “teresas”); entre as minúsculas cavidades entre as celas (e ou solitárias); deslocamentos noturnos – troca íntima de um leito para outro entre detentos em prisões abertas; as maleteiras<sup>6</sup>; *bembas*<sup>7</sup>; fugas; cartas/correspondências; micropassagens (todas as passagens realizadas por meio dos corpos e dos orifícios dos corpos); pelo visor de porta das celas (e ou solitárias) e pelo encanamento das privadas, “fétido veículo de comunicação”.<sup>8</sup>

Essas passagens produzidas e realizadas dentro da prisão ocasionam muitas vezes as fugas ou as insurreições. Vale lembrar que, conforme escreve Loïc Wacquant<sup>9</sup>, a prisão é aqui compreendida como fábrica de miséria, usina que produz, reproduz e agrava mais ainda a violência e a miséria humana.

Em contrapartida, surge uma máquina que promove o combate, uma máquina de resistência, trata-se da máquina de guerra exemplificada mui-

6 *Passagem será detalhada mais adiante no artigo (descrita por Arenas), muito comum nas prisões em Cuba.*

7 *Bembas – gíria/expressão notadamente típica de Cuba e tem sua origem nas informações provenientes das rádios na época da revolução cubana. Entretanto, Ipola as interpreta dentro da experiência do cárcere como as informações que circulam de boca em boca entre os detentos, cujos temas principais são: liberdades, indultos, castigos, transferências, entre outros. As bembas constituem o nomadismo discursivo dentro do sistema carcerário. ÍPOLA, Emilio de. *Ideologia y discurso populista*. Ciudad de México: Fólios, 1982. p. 29. Vale também conhecer a análise de Beatriz Sarlo. SARLO, Beatriz. *Tiempo Pasado*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2005. p. 106-108.*

8 MENDES, Luiz Alberto. *Memórias de um sobrevivente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 429, 430, 431 e 432. Segundo revela Mendes, o encanamento se torna nas solitárias o canal que conduz o diálogo secreto à noite e às ocultas, às vezes conduz também pequenos objetos passados pelos detentos. Desse modo, o encanamento que recebe e leva os resíduos e os excrementos é o mesmo que garante a comunicação e o transporte de “mercadorias” pequenas. Assim, entende-se que o encanamento se torna a via mais humana de encontro entre os detentos que sobrevivem nas solitárias. Descreve Mendes: (...) *descerem comigo no porão, abriram uma cela-forte, mandaram que entrasse. (...) o pânico se apossou de mim. A cela estava nua como eu. Não havia nada ali. As paredes vertiam água. O chão era de caquinhos de cerâmica, geladíssimo. O tempo estava gelado, eu já tremia de medo e frio desde os primeiros instantes (...) ainda surpreso tirei água da privada e já escutei o maior burburinho. Uma voz perguntava quem é que estava ligando o telefone. Imaginei que fosse comigo e respondi. Era o Carlão quem perguntava. (...) Logo apareceram outros companheiros na linha. O encanamento vinha lá do quinto andar do meu lado e do quinto andar do lado do Carlão. As celas eram tipo geminadas. Os encanamentos de água, esgoto e dos fios de eletricidade eram para cada coluna de duas celas por andar até o porão. Então, do meu lado, dava para ligar para dez celas, e do lado do Carlão, para mais dez. Era o telefone, nosso fétido veículo de comunicação. O cheiro era terrível, era preciso ter estômago. Só podíamos nos comunicar de madrugada, quando os guardas dormiam; era proibido e aumentava o castigo, caso fôssemos pegos, (...) Carlão disse que me mandaria um sabonete e um pedaço de linha pela manhã. Era para pescar. Receber coisas via encanamento do esgoto, (...) liguei o telefone, (...) Carlão me ensinou como amarrar a linha no sabonete e fazê-lo descer pelo encanamento sem precisar dar descarga, já que a descarga só podia ser acionada do lado de fora (...) era assim que conseguimos café quente, que vinha em vidro, banguê-banguê, cigarros, maconha, papel, caneta etc. De manhã, tudo era absolutamente recolhido lá para os andares de cima, para que o Choque não nos apanhasse com nada. A vida ali era dura, mas a gente buscava sobreviver...*

9 WACQUANT, Loïc. *As prisões da miséria*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 77.

tas vezes, nesse contexto, pelos motins. Não é por acaso que rebeliões ocorram constantemente dentro das prisões, onde sistemas de engrenagens diversas entram em conflito e, na sequência, surgem guerras internas, massacres e mortes. Penso, imediatamente, no massacre do Carandiru, em dois de outubro de 1992 (oficialmente, 111 detentos mortos). Passagens, vidas e mortes.

### BLOCO TRÊS

#### **Das trocas e passagens desejantes**

Existiria a possibilidade de estabelecer um estreito diálogo entre os escritos de Jean Genet, Reinaldo Arenas e Graciliano Ramos, mais precisamente, entre aqueles que notadamente tratam do confinamento? Este artigo parte do pressuposto de que possa haver pontos de intersecção, uma vez que, em comum, essas narrativas testemunham a vida no cárcere e relatam experiências na prisão. Busco, então, por meio de uma leitura comparada, estabelecer possíveis pontos de contato, de modo a evidenciar as passagens e as trocas clandestinas produzidas no confinamento. Para a consecução do que me proponho, percorro os seguintes fragmentos: *Miracle de la Rose*, de Jean Genet, *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos, e *Antes que anochezca*, de Reinaldo Arenas.

Convém, antes de efetuar este breve estudo, esclarecer que entendo a prisão como uma máquina composta de duas engrenagens: uma de castigo e morte<sup>10</sup>, e outra de dispositivos desejantes. Em especial, detenho-me na segunda<sup>11</sup>, com seus agenciamentos que tecem uma vasta rede desejante, resistente e subversiva. Entretanto, não posso deixar de lembrar (ainda que já apresentado no bloco um), ao pensar na prisão, na existência da engrenagem de tortura e morte, aquela tão bem retratada por Michel Foucault ou por Loïc Wacquant. Também não deixo de citar, entre outras tantas narrati-

---

10 Preservada pelo controle e pela vigília do Panóptico.

11 Concentro-me na segunda, pois entendo que, quanto ao Panóptico (ainda que muito brevemente), ele já tenha sido tratado nos primeiros parágrafos deste artigo, e interesso-me, aqui, a pensar, notadamente, acerca da experiência (da inscrição e da escritura) dos corpos aprisionados.



vas e memórias, o célebre texto de Kafka, em *In der Strafkolonie*, (*A Colônia Penitenciária*). Escrito em 1919, esse texto revela um retrato fiel dessa engrenagem que possui poderes letais, em que predomina a máquina carcerária com suas engrenagens a marcar e a matar corpos humanos. Leitura visio-nária de Kafka dos campos de concentração e, ao mesmo tempo, um retrato preciso do cárcere onde o extermínio ocorre e a morte e o horror imperam soberanos. Lembro também aqui as narrativas escritas no confinamento por Oscar Wilde. De fato, é esse o olhar que percorreu também minha tese de doutorado<sup>12</sup>, onde pude estudar esses escritos que tratam particularmente das experiências no cárcere e das engrenagens que o compõe.

Ao reiterar o exposto, este artigo tem o intento de tratar brevemente das trocas e em particular das passagens, das mais secretas, das mais escuras, que também indicam os rastros do humano, os traços ou os índices dos agenciamentos do desejo dentro dos espaços de confinamento. Trocas e passagens que ocorrem nos interiores dos cárceres, nos corredores ou por entre o “trou<sup>13</sup>” do cárcere, seja a cela ou a solitária, mas que também, muitas vezes, atravessam um outro “trou”, um outro que guarda também segredos e objetos clandestinos. E são essas passagens que provocam e refletem um contínuo processo de desterritorialização dentro da conhecida territorialidade comum ao sistema carcerário.

Na intersecção entre os três fragmentos literários a serem apresentados, fixo-me no de Arenas, em torno do qual articulo uma leitura a respeito de uma passagem particularmente escura, passagem que detém dobras e desdobras (entre fora/dentro e dentro/fora), a depender da economia e dos fluxos de desejo. E procuro ainda nesse lugar urdir um pequeno paralelo com uma outra passagem. Aquela revelada por uma outra arte, o cinema, ilustrada na narrativa cinematográfica de Genet, *Un chant d'amour*.<sup>14</sup>

Entre a passagem revelada pelo texto literário e a outra, aquela desvelada pela narrativa cinematográfica, concentro meu olhar sobre um tema comum: as passagens clandestinas carcerárias.

---

12 CAMPOS, Daniel C. Felix de. *Máquinas literárias, máquinas carcerárias: os escritos de Graciliano Ramos, Reinaldo Arenas e Jean Genet*. Florianópolis, 2006.

13 Termo francês que significa buraco, entendido aqui como o “buraco” carcerário, a solitária ou a cela. Entendo-o como qualquer outra cavidade produzida pelos detentos, ou seja, passagem de contato, de escambo ou de fuga. Conceito a ser retomado mais adiante.

14 Filme com a direção de Genet que trata das relações, trocas, intimidades e das diversas passagens clandestinas vividas dentro das prisões. Filme em preto e branco, 1950.

Ao tratar dos escritos de Genet, Ramos e Arenas e pensar acerca do desejo e do cárcere, entendo esses corpos e esses escritos não como meros resíduos ou restos, mas, ao contrário, eles são corpos, traços e índices de resistência, de guerra e de subversão/transgressão.

E mais: afirmo entender esses escritos/testemunhos como instrumentos do poder paralelo, como ato político e ainda como expressão do saber, da subversão e da resistência. Pois, pensar a respeito do cárcere, ao viver na própria carne essa experiência e sobre ela escrever, como esses testemunhos descrevem, é também retratar e revelar um processo de devir, de desvios, de linhas de fuga, de agenciamentos e de desterritorialização no interior do sistema carcerário. Esses testemunhos que falam do cárcere tratam de um tema recorrente e que não para de perseguir aqueles que lá vivem ou viveram: a morte. Mostram também que esse lugar, o cárcere, se torna como que uma fábrica, não de cadáveres, lembrando os campos de Auschwitz<sup>15</sup>, mas, eu diria, apropriando-me do pensamento do filósofo Agamben, uma fábrica de “corpos enjaulados” e torturados. Todavia, esses escritos mostram que os “enjaulados” se mobilizam em blocos, agenciamentos e constelações.

A problemática que se tece nesse *intermezzo*, entre o cárcere e os escritos de testemunho, entre a literatura e a arte, convoca pensar o seguinte<sup>16</sup>: se essa escritura que se realiza pelo testemunho da experiência do cárcere contém a questão essencial da arte e da literatura, como Artaud a discutiu ao citar a íntima carta de Van Gogh a Théo, em *Van Gogh, le suicidé de la société*<sup>17</sup>:

*O que é desenhar? Como se consegue desenhar? É a ação de abrir uma brecha por um muro de ferro invisível, que parece se encontrar entre o que a gente sente e o que a gente pode. Como se consegue atravessar esse muro, pois de nada serve atingi-lo com força, a gente deve é minar o muro e atravessá-lo com a lima, lentamente e com paciência. (Tradução de minha autoria).*

15 Agamben, Giorgio. *Quel che resta di Auschwitz. L'archivio e il testimone*. Bollati Boringhieri. Torino, 1998.

16 Antes de procurar a resposta, a pergunta se dedica muito mais a pensar filosoficamente acerca da literatura e das narrativas literárias escritas no confinamento. Penso nos homens que escreveram nas prisões, Dostoievski, Wilde, Gramsci, Luiz Mendes, *entre tantos e tantos outros silenciados, esquecidos e apagados pela história oficial das prisões e pela morte*.

17 *Qu'est ce que dessiner? Comment y arrive-t-on? C'est l'action de se frayer un passage à travers un mur de fer invisible, qui semble se trouver entre ce que l'on sent, et ce que l'on peut. Comment doit-on traverser ce mur, car il ne sert de rien d'y frapper fort, on doit miner ce mur et le traverser à la lime, lentement et avec patience à mon sens. 8 septembre 1888. ARTAUD, Antonin. Oeuvres Complètes. VOL.XIII Gallimard. Paris, 1974. p.40. Deixo aqui em nota o texto original, uma vez que essa obra ainda não foi traduzida em português no Brasil.*

## BLOCO QUATRO

### Da troca erótica, fetiches e desejos

Acerca dos testemunhos, apresento, primeiramente, a narrativa de Jean Genet:

*Um pouco mais tarde, ele desejou minha boina:*

*– Eu fico excitado pela tua boina, me disse ele. Eu a troquei com a dele. No dia seguinte, foi a minha calça. [...]. A troca de bilhetes amorosos se tornou um hábito. [...]. E me dizendo ser o décimo dia de nosso encontro, na escada, enquanto que ele alcançava minha boca:*

*– Um beijinho, Jeannot, apenas um só.*

[...]. Eu tinha o hábito de chamar *bécot*, um beijo, Bulkaen havia dito: “um beijinho”. A linguagem erótica, essa que a gente recorre durante os jogos amorosos, é uma espécie de secreção, um suco concentrado que só sai pelos lábios nos instantes de mais intensa emoção [...] cada casal de amantes tem a sua linguagem muito particular, carregada de um perfume, de um odor *sui generis*, que pertence somente a esse casal.<sup>18</sup> (Minha tradução).

Genet retrata (não só no fragmento citado, mas em diversas outras narrativas de testemunho) muito mais os escambos, as dádivas e o dom. Estes são marcados pelo signo da sedução, do desejo, do erotismo e do gozo. O fragmento revela que escambos se realizam às espreitas, havendo a partir do objeto que é alvo de escambo uma delicada aproximação entre os dois detentos. E em pouco tempo, os dois começam a se aproximar mais e mais. No início, um boné é trocado por outro, depois, as calças, bilhetes

---

18 *Un peu plus tard, il voulut mon béret:*

*-Je bande pour ton béret, me dit-il. Et je l'échangeai contre le sien. Le lendemain, ce fut mon pantalon.*

*(...)...L'échange des biffetons devint une habitude.(...).*

*En me disant, et c'était le dixième jour de notre rencontre, dans l'escalier, tandis qu'il prenait ma bouche:*

*-Une bise, Jeannot, rien qu'une.*

*(...)J'avais l'habitude d'appeler bécot un baiser, Bulkaen avait dit: "Une bise". Le langage érotique, celui dont on se sert pendant les jeux amoureux, étant une sorte de sécrétion, un suc concentré qui ne sort des lèvres qu'aux instants de la plus intense émotion (...) chaque couple d'amants a son langage très particulier, chargé d'un parfum, d'une odeur sui generis, qui n'appartient qu'à ce couple. GENET, Jean. *Miracle de la Rose*. Paris: Gallimard, 1990. p. 92, 256 e 257. Deixo o texto aqui no original, pois essa narrativa ainda não está traduzida para a língua portuguesa do Brasil.*

secretos e, mais tarde, os beijos dos amantes, beijos que permitem o intercâmbio de segredos, dos escambos ao encontro erótico. Essa aproximação permite também selar um ritual<sup>19</sup> secreto e íntimo de corpos que se encontram, desejam e se desejam. O beijo é a marca desse encontro, e para ser concretizado, os primeiros passos dão-se, como acima expus, por meio da troca de objetos pessoais, usados como uma “terceira pele”, a pele marcada pelo fetiche<sup>20</sup>, seguidos depois pelo despertar da ânsia da aproximação, do estar ao lado do outro, ou mesmo de “tê-lo perto”, culminando com o desejo de possuí-lo. E então, essa “pele” é substituída pelos beijos, pelos quais secreções são trocadas, divididas; é pela boca que se realiza a troca entre amantes, troca que é metáfora do desejo e da paixão.

A respeito do desejo e da troca, Deleuze e Guattari escrevem em *O Anti-Édipo*: “o desejo ignora a troca, só conhece o roubo e o dom.”<sup>21</sup>

Logo, o desejo consiste em uma espécie de roubo ou de dom, marcados por uma violenta vontade de “devorar” ou de possuir o outro. Tal como nos antigos rituais do *potlatch*<sup>22</sup>, o desejo de possuir o outro é expresso por aquele que oferece primeiro a dádiva, o dom. Dessa forma, pode-se localizar os domínios do dom e do contra-dom, pois quem primeiro recebe a dádiva se sente em dívida com relação àquele que o presenteia. Esse endividamento é já a marca (e a parcela) do contra-dom. Nesses domínios, onde as pulsões de vida e de morte se entrecruzam constantemente, o desejo surge em direção ao dom e ao rapto. Existe um *parfum* que envolve os amantes e uma vontade de rapto. Esse desejo (ou fluxo de desejo) desperta o devir-animal, o devir-criança, o devir-mulher ou ainda um “devir-outro-canibal”, pois parece que aquele que propõe ou oferece a primeira troca quer possuir ou devorar o outro imediatamente. Entendo também que se

19 Quero lembrar (rapidamente) que existe uma diferença entre rito e ritual. O primeiro é composto por um conjunto de regras que marcam um culto e contém um conteúdo místico-religioso, já o ritual tem um funcionamento e um agenciamento que contém um contrato determinado pela perversão. Essa perversão é *à la fois* detentora de uma ritualização e de uma sacralização (nesse contexto particular) própria ao cárcere. Logo, o ritual perverso possui um caminho que põe em cena e em ação o gozo impossível. A máquina carcerária é uma máquina eminentemente desejante e perversa. DELEUZE, Gilles. *Présentation de Sacher-Masoch: le froid et le cruel – avec le texte intégral de La Vénus à la fourrure*. Paris: Minuit, 1967.

20 Emprego (e entendo) os seguintes termos: fetiche, troca e escambo pela perspectiva do discurso da antropologia e da psicanálise, não havendo qualquer aproximação com a compreensão marxista desses termos em minha leitura.

21 DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *O Anti-Édipo*. Trad. Joana M. Varela e Manuel M. Carrilho. Ed. Assírio & Alvim. 2001. P. 192

22 BATAILLE, Georges. *A Parte Maldita*. Trad. Júlio C. Guimarães. Ed. Imago. Rio de Janeiro. 1975. P. 111.

esse encontro ocorre pelas fissuras do *vigiar e punir*, pois existe intrínseco a ele uma temporalidade urgente. O tempo é muito breve e a troca tem de ser rápida, logo, os corpos desejan-tes contêm uma constante *fissura*, afinal, a troca e a passagem têm de ser breves.

Destaco agora, a partir da narrativa de Ramos, as situações que flagram o instante em que essa fissura aparece dentro do cárcere quando os amantes se olham, se comunicam. As passagens se realizam por meio de diversas fendas, entre elas o olhar, que, aqui, incorpora o desejo erótico:

*Certo dia, barbeando-me na saleta, vi no espelho o mulato Pernambuco em namoro com um rapazola penteado e lânguido. Pernambuco acendia os olhos, cofiava os bigodes, um sorriso largo a espalhar-se em toda a cara; o outro encostado a uma janela, cruzava as mãos no peito, inclinava a cabeça, afetando maneiras pudicas e virginais [...] olhares de namoro [...] o safadinho percebeu que estava sendo observado e entrou a fazer sinais ao amigo, apontando-me [...] o casal escapuliu-se desceu a escada. [...].<sup>23</sup>*

## BLOCO CINCO

### **Das passagens escuras aos orifícios desejan-tes – dos corpos desejan-tes**

Antes de tratar das passagens faço uma breve incursão pelo comércio que existe dentro do cárcere. Esse comércio é garantido pelo poder paralelo. Entretanto, possui particularidades e características próprias: ele atravessa a fronteira dos muros da prisão. Parece haver dentro do território carcerário uma desterritorialização das práticas e das economias desejan-tes. Não obstante, esse tipo de comércio instaura uma reterritorialização de atividades econômicas na apropriação e venda dos produtos. Digo reterritorialização, pois entendo que esse comércio consiste em uma prática que pretende recompor um território já engajado em um processo de desterritorialização. E mais, esse comércio capitalista torna-se exemplo de um processo dentro do cárcere de reterritorialização.

<sup>23</sup> RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. Vol.II. Ed. Record Martins. São Paulo, 1975. p. 212.

Esse comércio possui um circuito que é de fora para dentro e de dentro para fora. E aquele que faz esse comércio (frequentemente) é também aquele que atravessa a mercadoria e a traz para dentro do cárcere: negocia, vende ou troca, consegue transportar a carga por um “meio seguro” e obscuro, conforme descreve Arenas, no seguinte testemunho:

*Antes e depois das visitas éramos submetidos, completamente nus, a uma rigorosa revista. [...]. No entanto, existia uma forma de burlar a revista; era o que faziam umas bichas muito habilidosas, chamadas de “maleteiras”. Os presos davam às maleteiras o que seus familiares tinham trazido: maços de cigarros, dinheiro, comprimidos, crucifixos, anéis. As maleteiras colocavam tudo numa sacola de náilon, iam até o banheiro e enfiavam tudo no ânus. Algumas tinham uma capacidade realmente surpreendente, chegando até a transportar cinco ou seis maços de cigarros, centenas de comprimidos, correntes de ouro e inúmeros outros objetos. É claro que, por mais que se revistasse uma maleteira, era impossível descobrir o que estava guardado em seu ânus; elas introduziam tudo lá no fundo e quando voltavam à sua ala, a primeira coisa que faziam era ir correndo para o banheiro e descarregar a mercadoria. Naturalmente, cobravam dez por cento pelo transporte, ou até vinte ou cinquenta por cento da mercadoria que transportavam; mas tratava-se de um meio seguro.<sup>24</sup>*

Esse relato deixa bem evidente como esse comércio atravessa os muros da prisão. A mercadoria vem de fora, durante a visita ela é entregue para as maleteiras, elas guardam os produtos dentro de seus corpos, pois é por intermédio de um orifício muito especial que a passagem das mercadorias é garantida. E por um curto intervalo de tempo, a mercadoria é armazenada na parte final do intestino (no reto das maleteiras). Mais tarde, essa mesma mercadoria é retirada e é entregue ao preso que a encomendou ou que pretende comprá-la. Entretanto, o que mais quero aqui tratar é da passagem clandestina.

Esse comércio segue trajetos bem particulares que inclui a travessia de um “trou”, de um orifício orgânico, travessia que se sucede e tem êxito na passagem pela cavidade. O ânus assume um papel exclusivo e determinante nesse tipo de comércio e é por esse orifício que se realiza a dobra dessa economia entre fora-dentro e dentro-fora. Esse orifício se torna uma região que assume além de seu papel fisiológico, orgânico e erótico, um papel de fluxo do desejo, da economia e dos agenciamentos dentro da prisão.

<sup>24</sup> ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça*. Tradução de Irene Cubric. Record. Rio de Janeiro, 2001. p. 220 e 221.

O ânus é o lugar que permite o acesso e é por onde o armazenamento do produto é garantido. Então, o ânus tem um papel imprescindível nessa economia libidinal e perversa, típica dessa máquina desejante, em cujo âmbito é preciso a todo custo encontrar uma fissura e uma passagem. Uma passagem que tem a necessidade de ser bem obscura.

Tal como no filme de Genet, *Un chant d'amour*, em que entre alguns “trous” comuns ao cárcere, um em especial assume um papel fundamental no enredo do filme. Trata-se de uma pequenina cavidade, um pequeno buraco feito entre a parede de duas celas, buraco que permite ser atravessado por uma fina palha, e por ela ocorrer a troca e a passagem de fumaças. Os dois detentos protagonistas do filme, amantes, trocam afetos, carícias e desejos em meio às volutas de fumaça e o gozo é sempre impossível de ser alcançado. Aquele que possui o cigarro o acende e faz espargir a fumaça “sagrada”. Tal como o cachimbo das primeiras trocas dos antigos rituais sagrados, a troca se dá pela fumaça. E a fumaça carrega em si o desejo de estar ao lado do amante e de penetrá-lo ainda que seja apenas pela fumaça aspirada, tragada ou engolida pelo “cigarro” repartido. Enfim, é preciso encontrar a passagem, ela tem de ser encontrada a todo custo, e a fumaça é metáfora e metonímia do encontro dos amantes.

Tanto no filme de Genet como no romance de Arenas, as pequenas passagens representam o “trou”, o “trou” desejante que assegura o atravessamento das mercadorias para dentro do cárcere ou que garante a troca de segredos e de afetos dos amantes em meio a fumaças e cinzas. São essas duas cavidades aqui exaltadas que permitem trocas, escambos e comércio, produções desejantes e devires. Afinal, existe nesse lugar uma economia do desejo com dispositivos desejantes e agenciamentos que *produzem ou constroem* essas passagens ou esses “trous”. Foi preciso que, em algum momento, o muro tivesse sido minado para que a fissura desempenhasse o papel de aproximar, trocar, dar ou raptar objetos, desejos e segredos.

Pensar sobre esse “trou” carcerário remete-me mais uma vez à carta de Van Gogh a seu irmão, Théo, e penso também no trabalho da arte e da literatura. Pois, seja na arte, na literatura e na vida (dentro ou fora dos muros da prisão), é preciso encontrar uma passagem; delicadamente, é preciso atravessar o muro por meio de pequenas cavidades e orifícios. É necessário minar o muro, provocar infiltrações, fissuras, fendas, passagens, enfim, é preciso atravessar o muro da prisão, da tela ou da brancura da

folha. No filme, os dois amantes minam e perfuram o muro, e ele é manchado, molhado e atravessado por fumaças, segredos, baforadas, ereções, secreções e desejo, como as passagens feitas pelo comércio clandestino das maletas, entre desejos, transgressões e subversões. Tanto as maletas como os dois amantes sabem o momento de acordo com um código que lhes é particular, o momento exato para perfurar ou realizar a passagem. É preciso saber o momento certo de perfurar e fazer a travessia “à la recherche de” – passagens desejantes.

## BLOCO SEIS

### **Máquinas, desejos e auto retratos**

Máquinas literárias, máquinas desejantes. Contudo, ainda antes de cocluir este artigo, coloco-me duas questões: a literatura, não é ela uma máquina de guerra e de resistência em face da máquina carcerária, em face da máquina do poder do Estado? Não seriam a literatura e a arte máquinas desejantes que se ocupam em projetar, construir e em pôr em funcionamento passagens transgressoras, a desterritorializar ou a reterritorializar espaços e corpos? E, assim, são por essas passagens atravessadas por obscuros objetos de desejo que enxergo uma constelação de corpos e objetos perfurados, desejantes e desejados. E confesso que, diante das passagens, trocas clandestinas e narrativas literárias (com traços autobiográficos), eu me encontro desnudo ao ver-me no reflexo da narrativa e penso delicadamente no *animal que logo sou*.<sup>25</sup>

---

25 DERRIDA, J. *O animal que logo sou*. Tradução Fábio Landa. São Paulo: EdUNESP, 2002.



## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Quel che resta di auschwitz*. Torino: Bollati Boringhieri, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Homo Sacer*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: EdUFMG, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Estado de Exceção* Tradução de Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.
- ALLIEZ, Éric (Org.). *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. Tradução Julio Guimarães. São Paulo: Ed.34, 2000.
- ANTELO, Raul. *Literatura em Revista*. São Paulo: Atica, 1984.
- ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça*. Tradução de Irene Cubric. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- ARTAUD, Antonin. *Oeuvres Complètes*. Vol.XIII. Paris : Gallimard,1974.
- BATAILLE, Georges. *La Part Maudite*. Paris : Minuit, 1967.
- \_\_\_\_\_. *L'érotisme*. Paris : Minuit,1957.
- BECCARIA, Cesare. *Dos delitos e das penas*. 4ed. Tradução de José Cretella Júnior. São Paulo : Revista dos Tribunais, 2010.
- CAMPOS, Daniel C. Felix de. *Máquinas literárias, máquinas carcerárias : os escritos de Graciliano Ramos, Reinaldo Arenas e Jean Genet*. Florianópolis, 2006.
- DELEUZE , Gilles. *Crítica e Clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed.34, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Présentation de Sacher–Masoch: le froid et le cruel – avec le texte intégral de La Vénus à la fourrure*. Paris: Minuit, 1967.
- \_\_\_\_\_. *Francis Bacon : Logique de la sensation*. Paris: Seuil, 2002.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia*. Tradução de Joana Varela e Manuel Carrilho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Mil Platôs*. Volume I. Tradução de Aurélio Guerra e Célia P. Costa. São Paulo: Ed.34,1995.
- \_\_\_\_\_. *Mil Platôs*. Volume IV. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed.34, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Mil Platôs*. Volume V. Tradução de Julio Guimarães. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Kafka, Por uma literatura menor*. Tradução de Julio Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou*. Tradução de Fábio Landa. São Paulo: EdUnesp, 2002.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor Mikhailovitch. *Memórias da casa dos mortos*. Tradução de Natália Nunes e Oscar Mendes. Porto Alegre: LPM. , 2008.

- DUMOULIÉ, Camille. *O desejo*. Tradução de Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *Surveiller et punir: la naissance de la prison*. Paris: Gallimard, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Os Anormais*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo : Martins Fontes, 2002.
- GENET, Jean. *Miracle de la Rose*. Paris : Gallimard, 1990.
- GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- ÍPOLA, Emilio. *Ideologia y discurso populista*. Ciudad de México: Fólios, 1982.
- KRISTEVA, Julia. *Pouvoirs de l'horreur: essai sur l'abjection*. Paris: Seuil, 1980.
- LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MENDES, Luiz Alberto. *Memórias de um sobrevivente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA Márcio. (Org). *Catástrofe e Representação*. São Paulo: Escuta, 2000.
- RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. Vol.I e II. São Paulo: Record, 1975.
- RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Org. Raul Antelo. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SARLO, Beatriz. *Tempo Pasado*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2005.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. (Org). *História, Memória, Literatura, O Testemunho na era das Catástrofes*. Campinas: EdUnicamp, 2003.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) *O Panóptico* : Jeremy Bertham. Belo Horizonte : Autentica, 2000.
- SOLLERS, Philippe. *Sade contra o ser supremo*. Tradução de Luciano de Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- WACQUANT, Loïc. *As prisões da miséria*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro : Zahar, 2001.
- ZOURABICHVILI, François. *Le vocabulaire de Deleuze*. Poitiers : Ellipses, 2004.

